

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Foto C Class.: DVP Qual 69

Data: 31.01.79 Pg.: 55,56

### XINGU

# Funai demitiu Olímpio. E agora?

Enquanto os brancos não chegam a um acordo, os índios...

Eliana Lucena

O etnólogo Olímpio Serra foi demitido esta semana pela Funai por haver publicado no Jornal de Brasília uma defesa às acusações que têm sido feitas à sua atuação no parque do Xingu. Para os irmãos Villas Boas, Serra transformou o "índio feliz de antigamente" num indivíduo "revoltado". Apoena Meirelles responsabilizou-o pelo processo aculturativo "excessivamente rápido" do índio xinguano.

Serra defendeu-se, justificando que a elite de índios atualmente recebendo salários de até 15 mil cruzeiros no Xingu é formada por índios biculturais que já eram funcionários remunerados do Xingu desde 1971 — ou seja, ainda sob os Villas Boas. O índio mostrado numa foto publicada em ISTOÉ nº 108, usando pé-de-pato e máscara de mergulhador, já teria posado, numa foto de 1964, com um sofisticado equipamento de pesca que lhe teria sido dado pelos ir-

mãos Villas Boas. Para Olímpio, aliás, a criação de indígenas biculturais teria sido um dos grandes méritos do trabalho dos irmãos.

O que Olímpio Serra pretende revelar é a existência de um Xingu incômodo, que nada tem a ver com o dos cartões-postais, e habitado por índios que vivem um difícil período de adaptação — perdendo a sua condição de símbolos para se tornarem eles mesmos, livres de estereótipos. Na semana passada, logo depois de sua demissão, Serra concedeu a ISTOÉ a seguinte entrevista:

**ISTOÉ.** Você tem sido acusado de ter acelerado o processo aculturativo do índio xinguano. Afinal, que tipo de experiência teve este índio desde o primeiro contato com o mundo branco?

**Serra.** Acho que deveríamos, de uma vez por todas, desmistificar a opinião generalizada de que o Xingu, até alguns anos, era habitado por grupos homogêneos e com a mesma experiência de contato com o branco. O quadro que encontramos no Xingu não tem nada a ver com o protótipo do Brasil prístino, e, até hoje, faltava aos jornalistas e estudiosos que lá estiveram nos últimos trinta anos a coragem de enfrentar a quimera, encarrando o parque como uma experiência indigenista e, como tal, sujeita a

Xingu de hoje, habitando sua parte norte, índios que, no passado, foram perseguidos em suas terras de origem por seringueiros e gateiros. Ao contrário das comunidades do norte, as tribos do sul sempre viveram ali, preservadas de invasões de suas terras e das grandes epidemias transmitidas pelo branco. Embora poupados de uma experiência de contato mais desastrosa, estes índios, no entanto, desenvolveram não só um rico contato intertribal, mas ainda uma relação interétnica. Esta última foi alimentada pela presença constante de brancos no Posto Leonardo e até mesmo por um destacamento da FAB, em pleno coração do Xingu. Em seu processo

Olímpio Serra foi demitido porque se defendeu no Jornal de Brasília



de aculturação, eles receberam todo tipo de influência levada pelo branco, que vai desde o radinho de pilha até revistinhas pornográficas que recebiam diretamente de Manaus.

**ISTOÉ.** Ao assumir a direção do parque, qual foi a sua preocupação básica?

**Serra.** Em termos aculturativos, a nossa meta visou a promoção de uma maior interação tribal. Talvez poucas pessoas saibam disso, mas havia um forte preconceito dos índios do norte em relação aos do sul e vice-versa. Os índios que habitam o norte chamavam pejorativamente os do sul de *pelados*, pois estes grupos dispensavam com frequência o uso de roupas, já inteiramente anexadas aos padrões de cultura dos suiá, kaiabi etc. Junto às comunidades do norte pretendíamos incentivar a reafirmação de suas manifestações culturais. No sul, queríamos contribuir para uma maior conscientização do índio, voltada para a defesa de suas terras, que já começam a sofrer a ameaça de invasões por parte das agropecuárias que cercam o Xingu. Conseguimos bons resultados em três anos.

**ISTOÉ.** Por que essa imagem do parque?

**Serra.** A imagem que se criou do parque foi calcada, praticamente, nos grupos do sul, com a filmagem de



Marauê, na foto de ISTOÉ nº 108, e em 1964 (dir.), ainda menino, com um equipamento de pesca que lhe teria sido cedido pelos irmãos Villas Boas



Foto Jesco

suas festas, como o Quarup e outros rituais. Temos notícia de quase duzentos documentários sobre estes índios, muitos montados em cima de dados incorretos. Ninguém, até hoje, se interessou em documentar um Jawacy, que é uma festa belíssima. Com isso firmou-se uma imagem que não traduzia a sua realidade, a angústia e contradição desses índios. Estes trabalhos, feitos em geral com a preocupação única de retratar o índio enquanto alegoria, trouxeram graves prejuízos para o sentido de identidade do índio xinguano. "Afinal, eu sou aquele índio que posa para a câmara ou sou um indivíduo que quer ter uma lanterna, ou uma fita magnética para o gravador?"

**ISTOÉ.** *Você acha então que o índio do parque decidiu reagir e não quer mais o Xingu invadido por "caraibas"?*

**Serra.** De certa forma, eles despertaram para uma reação a tudo isso. Eles querem, cada vez mais, promover seus rituais, cultivar suas roças sem serem perturbados por *flashes* e câmaras fotográficas. No ano passado, por exemplo, os iualapiti promoveram a cerimônia do Namim, uma festa de iniciação dos mais jovens, e proibiram a presença de estranhos. Eles só aceitaram, de fora, o pessoal que trabalha no posto. Depois disso, veio a Funai com uma ordem para que os índios participassem da novela *Aritana*...

**ISTOÉ.** *Na sua opinião, qual é o futuro reservado ao índio do Xingu?*

**Serra.** Eu renovo as minhas esperanças quanto a esse futuro quando começo a vê-lo caminhar com as suas próprias pernas. Posso estar sendo excessivamente otimista, mas acho que o índio, ao se tornar dono de seu próprio nariz, está nos libertando do caudilhismo indigenista. No Xingu tentei jogar aberto com o índio, mostrando que eles mesmos deveriam resolver os problemas de suas comunidades, chamando-lhes a atenção para o fato de que a presença de um *papai grande*, fosse Orlando, Cláudio ou qualquer outro, não era uma garantia suficiente de respeito à sua cultura.

**ISTOÉ.** *Não se estaria com isso contribuindo para reforçar a posição de determinadas áreas governamentais, de que o índio já pode ser emancipado?*

**Serra.** Quando falamos que o índio está caminhando com as suas próprias pernas, estamos defendendo a autonomia dessas comunidades, e não a sua emancipação. Vale dizer que, se legalmente respeitamos a cultura indígena no plano intratribal e intertribal, devemos também respeitá-la no plano interétnico.